



ESCOLA DE CHICAGO E ESTUDOS CULTURAIS: A CONEXÃO APARENTE

Emanuelly Menezes Vargas¹

RESUMO: Este trabalho apresenta um tensionamento teórico entre conceitos da Escola de Chicago e Estudos Culturais. Buscamos através da comparação entre as escolas estabelecer paralelos que pudessem nos indicar possibilidades ou impossibilidade de equivalências conceituais. Fizemos isso através da leitura e reflexão textos que apresentam e discutem questões de formação das escolas. Percebemos a partir do tensionamento especialmente de conceitos como sujeito/indivíduo, estrutura e processo comunicacional que é ilusório fazer uma equivalência entre as escolas dada a sua radical diferença de orientação teórica e compreensão dos conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: *Escola de Chicago. Estudos Culturais. Etnografia. Metodologia. Teorias da comunicação.*

ABSTRACT: This work presents a theoretical tension between concepts from the Chicago School and Cultural Studies. We sought, through the comparison between the schools, to establish parallels that could indicate possibilities or impossibilities of conceptual equivalences. We did this through the reading and reflection of texts that present and discuss issues related to the formation of the schools. We realized, through the tensioning of concepts such as subject/individual, structure, and communicational process, that it is illusory to make an equivalence between the schools given their radical difference in theoretical orientation and understanding of the concepts.

KEYWORDS: *Chicago School. Cultural Studies. Ethnography. Methodology. Communication theories.*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do grupo de pesquisa Nós - Pesquisa Criativa (www.nospesquisacriativa.com). Busca pesquisar as relações entre práticas de ensino e questões de gênero. E-mail: emanuelly.mvargas@gmail.com

1. Introdução

Podemos olhar para o campo da comunicação de diversas formas: procurando o que ela tem em comum com outros campos do conhecimento, procurando o que a caracteriza como campo específico, ou ainda procurando vários outros elementos que nos ajudam a formular e reformular a comunicação. Neste trabalho, pretendemos realizar reflexões sobre seus fundamentos teórico-metodológicos.

Das diversas escolas de pensamento que que tiveram e têm contribuições para o campo da comunicação, decidimos destacar duas perspectivas teóricas que têm em comum a presença de métodos de inspiração etnográfica em suas pesquisas: a Escola de Chicago e os Estudos Culturais. Temos então como problemática a seguinte questão: em que pontos elas convergem, e em que pontos elas divergem, e como isso se reflete nas suas considerações sobre comunicação, dado que ambas flertam de diferentes maneiras com a etnografia?

Pretendemos realizar uma reflexão sobre a relação entre inclinações teóricas e metodologia. Gostaríamos de entender de que forma um diferente embasamento teórico e político altera o trabalho e as reflexões dessas escolas de pensamento, mesmo que a partir de metodologias que a princípio podem parecer similares.

Para compreender a constituição destas escolas, lançamos mão de textos de autoras e autores que discutem a formação destas perspectivas tais como os livros *Curso básico de Teorias da Comunicação* de Vera França e Paula Simões (2016), *As Teorias da Comunicação* de Francisco Rüdiger (2011) e *Cartografias dos estudos culturais* de Ana Carolina Escosteguy (2001). Também os textos *Estudos Culturais e seu legado teórico* e *Codificação/decodificação* de Stuart Hall (2003a, 2003b), e o capítulo *Algumas contribuições de Robert E. Park para o campo da comunicação* de Paula Simões (2015). Metodologicamente, pretendemos sustentar nossas argumentações a partir dessas referências, realizando leituras e reflexões a partir destes textos.

Na próxima seção, argumentamos sobre a relevância de incluir métodos etnográficos, ou de inspiração etnográfica, nos estudos em comunicação: muitas vezes apenas metodologias de análise textual não dão conta das necessidade que nossos

múltiplos objetos necessitam. Na terceira seção, apresentamos a Escola de Chicago e os Estudos Culturais especialmente por uma perspectiva mais histórica, contexto que nos parece condicionante para as pesquisas desenvolvidas. Na quarta seção, tratamos de alguns entendimentos chave destas duas escolas de pensamento, especialmente suas compreensões sobre os sujeitos nos processos de comunicação. Por fim, consideramos que colocar as escolas em paralelo é um movimento necessário para compreender a impossibilidade de fazer equivalências entre seus conceitos chaves como “sujeito” e “processo comunicacional”.

2. SOBRE MÉTODOS ETNOGRÁFICOS: DEIXAR AS PESSOAS FALAREM

Em várias perspectivas teóricas que contribuíram e ainda contribuem para o campo da comunicação é possível notar uma forte relação ora com a linguística e a interpretação dos signos, ora com perspectivas matemáticas, altamente empiricistas. Essas perspectivas teóricas, apesar de contribuírem muito para nosso desenvolvimento como campo, tem suas limitações: enquanto uma deixa apenas o texto falar, a outra deixa apenas os números falarem.

659

Noções advindas, por exemplo, através de movimentos intelectuais como a Escola de Frankfurt, são muito relevantes pois contribuem com um pensamento crítico do que é produzido pelos meios. Outro exemplo, a Mass Communication Research, que ajudou a delimitar o nosso campo de estudos através de suas conceitualizações sobre comunicação e informação. Ainda que os instrumentos fornecidos por essas perspectivas sejam fundantes do campo da comunicação, muitas vezes eles não são suficientes para ajudar a responder às problemáticas de pesquisa que nossos objetos nos provocam.

Entendemos que analisar os textos não é o suficiente para muitas de nossas questões. Daí, viramos o nosso olhar para perspectivas que têm, em seu modo de pensar e desenvolver suas pesquisas, práticas metodológicas que, em nossa compreensão, deixam não apenas os textos “falarem”, mas também as pessoas.

É preciso destacar que compreendemos que os textos são uma esfera da expressão das pessoas, então analisá-los é uma também forma de “deixar que falem”, mas nos referimos aqui a deixar as e os sujeitos falarem, especialmente as e os que não estão na esfera de produção. Entendemos que através da etnografia ou de metodologias que tenham alguma inspiração etnográfica é possível deixar que estas e estes sujeitos falem. Assim, das escolas de pensamento que permearam e permeiam os estudos em comunicação, destacamos duas perspectivas que flertam com metodologias etnográficas: a Escola de Chicago e os Estudos Culturais.

Tanto a Escola de Chicago quanto os Estudos Culturais integraram em suas metodologias instrumentos etnográficos por razões e de formas diferentes. Podemos dizer que ambas recorrem a etnografia pela limitação que outros métodos trazem. Para a Escola de Chicago, era essencial compreender a interação humana no ambiente urbano (FRANÇA, SIMÕES, 2016), algo que torna-se possível através da observação proposta por metodologias etnográficas. Já para os Estudos Culturais, uma questão central era compreender as mudanças sucedidas na classe operária operadas através da cultura, assim as metodologias de inspiração etnográfica ganham força especialmente a partir dos estudos de recepção (HALL, 2003a).

Esse “ponto em comum” entre Estudos Culturais e Escola de Chicago é muitas vezes usado para fazer uma aproximação entre as duas perspectivas. Entendemos, porém, que ainda que ambas façam uso de metodologias que “deixam as pessoas falarem”, as conclusões e entendimentos de mundo dessas duas escolas de pensamento são radicalmente diferentes. Somos levadas a nos perguntar, então, o que torna essas escolas tão diferentes, ainda que façam uso de metodologias inspiradas em etnografia.

3. A ESCOLA DE CHICAGO E OS ESTUDOS CULTURAIIS: DUAS ESCOLAS DE PENSAMENTO

De acordo com as autoras França e Simões (2016), é difícil ter precisão de uma data de início para a Escola de Chicago, pois não se trata de um grupo fechado de pesquisadoras e pesquisadores, ou de um projeto declarado com um manifesto. No

entanto, acreditamos que, ainda que não possamos colocar um marco inicial para o surgimento da escola, é fundamental retomar o contexto em que estava inserida para entender suas práticas e posicionamentos.

O que entendemos por Escola de Chicago formou-se no início do século XX, na Universidade de Chicago nos Estados Unidos. A Universidade de Chicago era mantida com dinheiro de doações de grupos da igreja batista especialmente liderados por John Rockefeller (FRANÇA, SIMÕES, 2016, p. 85).

Este grupo de pesquisadoras e pesquisadores estavam ligados mais do que apenas institucionalmente, mas também pelo seu interesse em compreender o ambiente urbano e as interações que nele acontecem. O contexto social da cidade de Chicago no início do século XX justifica o interesse por esse aspecto: uma cidade bastante industrializada, com uma população muito grande, e que atraiu muitos grupos de imigrantes.

A forte influência das igrejas protestantes é um ponto crucial para entender o trabalho da escola, que foi influenciada, dentre outras disciplinas, pela teologia, de acordo com França e Simões (2016, p. 85). Daí que o trabalho social e a caridade cristã aparecem como preocupação das primeiras e primeiros membros da Escola de Chicago. Além da teologia, a Escola de Chicago trabalhou com a filosofia pragmatista, a psicologia social, e as ciências políticas.

Assim como não é fácil apontar uma data para o início da Escola de Chicago, também não é fácil apontar uma data de início para os Estudos Culturais. Poderíamos tomar o ano de 1964 como um marco, sendo este o ano de criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham por Richard Hoggart. Porém, como aponta Escosteguy (2001), podemos notar manifestações dos Estudos Culturais já no final dos anos 50. Para entender os Estudos Culturais além de entender a sua fundação institucional ou seus primeiros textos fundadores, é preciso entender o contexto da Inglaterra naquele momento.

O fim da segunda guerra mundial, os avanços do capitalismo e o colapso do império britânico impactaram principalmente as formas culturais no campo das relações

sócio-culturais, de acordo com Escosteguy (2001). Esses foram pontos chave desse período, e se tornam mais tarde objetos de pesquisa de destaque das investigadoras e investigadores dos Estudos Culturais.

É preciso observar ainda sobre o histórico dos Estudos Culturais que sua trajetória teve vários diferentes momentos, como afirma Hall (2003b, p. 201) “Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formação, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado”. No mesmo texto o autor destaca momentos que podem ser entendidos como interrupções para os estudos culturais. Dentre estes momentos é válido destacar a interrupção do feminismo, quando na década de 70 as pesquisadoras do centro lutaram para levar todo o grupo a pensar as questões que envolviam as mulheres como tão importantes quanto classe. Outro momento importante foi a interrupção ligada às questões raciais, que foi mais um momento onde outros elementos passaram a ser considerados como tão decisivos quanto a classe.

Outro elemento que gostaríamos de apresentar para esta discussão são os objetos de estudo que foram, e ainda são, de destaque para cada perspectiva teórica. Esse é um ponto onde há uma divergência bastante evidente entre Escola de Chicago e Estudos Culturais. Enquanto para a Escola de Chicago o principal objeto era a vida urbana e as interações nelas contidas, para os Estudos culturais o foco está centrado nas relações de poder estabelecidas pela e através da cultura.

A cidade como um todo pode ser destacada como o principal objeto de estudo da Escola de Chicago. A cidade é entendida por elas e eles não apenas de uma forma arquitetônica, e sim como um conjunto vivo de pessoas interagindo. O grande diferencial da Escola de Chicago foi compreender a cidade como “uma comunidade orgânica cujas interconexões constituem um aspecto fundamental de análise” (FRANÇA, SIMÕES, 2016, p. 87).

Além disso, essa compreensão destaca a ênfase no significado da ação do indivíduo. A cidade era formada, de acordo com sua compreensão, através da ação desses indivíduos e dos significados dessas ações interpretadas e respondidas por outros

indivíduos, especialmente no cotidiano. Por tratar das interações entre indivíduos no ambiente urbano da cidade de Chicago, temáticas de imigração invariavelmente tornaram-se parte do campo de estudos, dado o contexto de imigração da cidade no momento histórico específico.

Se a Escola de Chicago foi marcada pelo seu objeto de destaque sendo a cidade, os Estudos Culturais foram marcados pela cultura. Como nos aponta Escosteguy (2001, p. 35), uma forte característica dos Estudos Culturais é a multiplicidade de objetos de estudo. Dentro desta multiplicidade, buscaremos apontar aqui especialmente os objetos de estudo que, de forma geral, podem ser colocados em paralelo com objetos da Escola de Chicago.

Para pensarmos a constituição e diferença entre essas escolas, é válido destacar que colocar em paralelo não significa estabelecer uma equivalência entre os objetos de cada escola. Tal manobra serve apenas para pensarmos sobre suas constituições e sobre as diferenças entre essas escolas.

Um objeto central para os Estudos Culturais é a cultura, mas assim como na Escola de Chicago a cidade não é entendida de forma simples, a cultura aqui é entendida principalmente como algo complexo. Não se trata apenas de “estudar a cultura”, afinal, os Estudos Culturais “nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam” (BLUNDELL et al., 1993, p. 2, apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 33).

Também parece válido destacar a relação da escola com o deslocamento da cultura erudita para o entendimento de que a “baixa cultura” também era um objeto digno de estudos. A relação da classe operária com a cultura, especialmente dos meios de comunicação e das estruturas ideológicas, contidas neles são muito importantes, assim como a recepção e as diferentes leituras que podem ser feitas pelas pessoas.

4. SUJEITOS E A COMUNICAÇÃO: ENTENDIMENTOS CHAVE

Aqui, apresentaremos alguns conceitos que entendemos serem centrais para discutir as semelhanças e diferenças entre Escola de Chicago e Estudos Culturais. São elementos principalmente relacionados a conceitos e entendimentos de ambas as escolas, que podem ser colocado em paralelo para fins de entendermos melhor seus tensionamentos.

As pesquisas realizadas na Escola de Chicago, ainda que tivessem como fio condutor a vida urbana, entendem que há na mídia um elemento digno de atenção de suas reflexões. Como nos aponta Simões (2015), a escola passou a considerar o jornal como um ponto chave na relação das pessoas que vivem na cidade, principalmente através das contribuições de Park. Para a Escola de Chicago, os jornais são “fontes de assuntos que tematizam as conversações sociais, promovendo a configuração da opinião pública [...], o esclarecimento dos sujeitos e um melhor desenvolvimento da própria sociedade” (SIMÕES, 2015, p. 6).

Essas considerações são de grande importância para entender algo central para a Escola de Chicago: os meios não são vistos puramente como transmissores, mas como mediadores entre indivíduos. Aqui, o papel dos meios é entendido então como algo que media interesses em comum. Assim comentam França e Simões (2016), sobre o entendimento de comunicação por essa escola:

A convivialidade e a criação de estados de compartilhamento (interesses comuns) são estabelecidos na e pela comunicação. A notícia é o que faz circular e promove as discussões. Notícias são construções que, ao criarem visibilidade, darem existência pública aos fatos, podem e devem atuar na discussão e na consolidação dos interesses coletivos, na construção da racionalidade, isto é, um tipo de pensamento e de atitudes produzidos pela reflexão, pela deliberação consciente dos indivíduos. (FRANÇA, SIMÕES, 2016, p. 91)

Podemos destacar que, nesta escola, as pesquisadoras e os pesquisadores dão uma ênfase para o caráter puramente racional dos indivíduos que entram em contato com a mídia, como se apenas a razão fosse o que determina a posição dos indivíduos, algo que corresponde a demandas positivistas da época.

Como destaca Rüdiger (2011, p. 49), a partir de Blumer, “as tecnologias de comunicação não são comunicativas por si mesmas, o que não quer dizer que sejam meros canais de transmissão de mensagens”. Assim, Rüdiger comenta sobre como a Escola de Chicago ignora que “o funcionamento delas [as mídias] fundamenta, em última instância, nos processos primários da comunicação” (RÜDIGER, 2011, p. 49).

Assim, deixa de considerar pontos que dizem respeito às relações de poder contidos nas interações. Estes pontos que serão fundamentais para os Estudos Culturais. Para os Estudos Culturais, a mídia também tem um papel central, pois se trata de algo que perdura determinadas posições de poder.

Outro aspecto importante na forma em que o campo dos Estudos Culturais compreende a comunicação está no posicionamento crítico que adotam sobre a linearidade da comunicação. Como aponta Hall:

Tradicionalmente, a pesquisa em comunicação de massa tem concebido o processo comunicativo em termos de um circuito. Esse modelo tem sido criticado por sua linearidade emissor/mensagem/receptor/receptor; por sua concentração no nível da troca de mensagens; e pela ausência de uma concepção estruturada dos diferentes momentos enquanto complexa estrutura de relações. (HALL, 2003a, p. 387)

665

Por entender o processo comunicativo de forma não linear, os Estudos Culturais passaram a considerar de forma mais destacada o momento da recepção, e a autonomia relativa que esse momento têm em relação ao momento da produção. A partir destas compreensões desenvolveram-se os estudos de audiência, como afirma Escosteguy (2001, p. 36), “como uma tentativa de verificar empiricamente tanto as diversas leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores quanto às posições assumidas pelo receptor”. Os Estudos Culturais entendem que ainda que os diferentes momentos do processo comunicativo estejam articulados, não há como garantir a resposta que será dada pelo próximo. Assim, rompem com a noção de estímulo-resposta no processo comunicativo, como de certa forma a Escola de Chicago também se propõe a fazer. Assim explica, sobre a comunicação, Robert Park:

A comunicação é um processo ou forma de interação que é interpessoal, isto é, é social no sentido mais estreito do termo. O processo só pode dizer completo a partir do momento em que resulta em alguma espécie de compreensão. Em outras palavras, a comunicação jamais acontece meramente numa situação de estímulo e resposta, no sentido em que essas palavras são usadas na psicologia. Ela é antes expressão, interpretação e resposta (PARK, 1971, p. 64, apud SIMÕES, 2015, p.54)

Porém, entendemos existir uma diferença determinante entre o entendimento das duas perspectivas. Ambas concordam que a “receptora” ou o “receptor” não apenas “responde ao estímulo”, como se fosse apenas um reflexo motor. No entanto, para os Estudos Culturais há uma intrincada construção social que orienta a resposta desta “receptora” ou “receptor”; enquanto a Escola de Chicago ignora a formação do caráter ideológico que está contido tanto na produção da mensagem quanto em sua recepção. Assim Hall trata deste foco específico dos Estudos Culturais:

Têm que analisar certos aspectos da natureza constitutiva e política da própria representação, das suas complexidades, dos efeitos da linguagem, da textualidade como local de vida e morte. São estes os temas que os Estudos Culturais podem focar. (HALL, 2003b, p. 214)

666

Os Estudos Culturais, talvez por sua proximidade maior com a linguística do que tinha a Escola de Chicago, consideram relações de dominação linguística com muito mais vigor. Assim, ao discutir os conceitos de “denotação” e “conotação”, Hall (2003) evidencia como costumamos entender denotação como uma ligação direta com a realidade, ao mesmo tempo que colocamos outros significados no campo da conotação, ou seja, uma expressão que expressa uma ligação mais frágil com o real. Neste ponto existe uma disputa de poder, que é inerente a toda interação linguística.

Isto não quer dizer que a denotação ou o sentido “literal” esteja fora da ideologia. Na verdade, poderíamos dizer que seu valor ideológico está fortemente fixado, justamente por ter-se tornado tão plenamente universal e “natural”. Desse modo, os termos “denotação” e “conotação” são meramente ferramentas analíticas úteis para se distinguir, em contextos específicos, os diferentes níveis em que as

ideologias e os discursos se cruzam, e não a presença ou ausência de ideologia na linguagem. (HALL, 2003a, p. 395)

Outra noção que é importante para pensarmos ambas as perspectivas é a noção de sujeito/indivíduo. Esse é outro elemento pelo qual, a princípio, poderíamos fazer uma aproximação entre as teorias. Diferente de outras perspectivas teóricas que contribuíram para o campo da comunicação, a Escola de Chicago e os Estudos Culturais de alguma forma deram um destaque maior para as pessoas, ou pelo menos não homogeneizaram tanto aquelas e aqueles entendidos como receptoras ou receptores. Porém, a forma que a Escola de Chicago e os Estudos Culturais tiram esses seres da massa homogênea e jogam luz sobre elas e eles em sua pesquisa é drasticamente diferente.

Como Rudiger (2011) nos aponta, para a Escola de Chicago as pessoas eram entendidas como indivíduos que interagiam de forma naturalmente independente. No pensamento da escola, esses indivíduos “não reagem de forma mecânica às situações que vivenciam: os estímulos que recebem do meio são compreendidos como símbolos, que devem ser interpretados à luz do seu conhecimento.” Rudiger p. 43

Assim como Simões (2015) também aponta, para a Escola de Chicago a comunicação é constituída por sujeitos que deliberadamente engajam no processo. A autora afirma que, na noção apresentada por Park:

destaca-se a ideia de interação como constituidora da comunicação. Esta se realiza a partir da expressão, da interpretação, da compreensão e da resposta realizadas pelos sujeitos que se engajam em um processo comunicativo. (SIMÕES, 2015, p.54)

Esse destaque para o engajamento dos indivíduos no processo comunicativo como algo emancipado faz com que a Escola de Chicago trate essas e esses indivíduos como frutos do Iluminismo, que participam de interações por sua própria vontade, e tem plena compreensão das suas respostas de forma racional, ignorando, como nos alerta Rudiger (2011, p. 46), que “a comunicação é sempre mediada por símbolos que estabelecem não somente uma correlação entre os seres e as coisas, mas uma determinada hierarquia entre os homens” Pois a comunicação trata de uma mediação

entre símbolos e “os símbolos são portadores de valores, valorizam ou desvalorizam os seres e as coisas, conforme a interpretação que se sedimentou neles durante a história” (RÜDIGER, 2011, p. 46).

Assim, a Escola de Chicago individualiza a ação formadora das estruturas que de alguma forma pressiona as e os sujeitos. Essa posição é inversamente proporcional ao que propõem os Estudos Culturais. Ambas as escolas são rotineiramente assemelhadas por levar em conta as e os indivíduos, mas, como aponta Escosteguy (2001), as formas como estas e estes indivíduos são consideradas e considerados ao longo do trajeto dos Estudos Culturais passou por algumas mudanças. De acordo com a autora, houve um período de euforia sobre uma suposta autonomia das audiências:

Embora seja plausível a consideração de que a audiência estabelece uma ativa negociação com os textos mediáticos e com as tecnologias no contexto da vida cotidiana, esse posicionamento pode tornar-se tão otimista que perde de vista a marginalidade do poder dos receptores diante dos meios. A euforia com a vitalidade da audiência e por sua vez com a cultura popular fez com que esta fosse entendida como um espaço autônomo e resistente ao campo hegemônico. Algo que aconteceu com várias das pesquisas dessa época. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 43)

Mas, ainda que esse período de euforia tenha existido, a “autonomia relativa” (HALL, 2003a), continua sendo um elemento particularmente importante para a noção de sujeito dos Estudos Culturais. Diferente da Escola de Chicago, os Estudos Culturais se valem de noções como classe e poder. Ainda que os estudos culturais e o marxismo cultivem várias divergências teóricas, como explica Hall (2003b), são conceitos marxistas que surgem para tratar de cultura em contextos de exploração:

Com estas palavras, não estou negando que tanto eu quanto os Estudos Culturais fomos, desde o início, fortemente influenciados pelas questões que o marxismo, como projeto político, colocou na agenda: o poder, a extensão global e as capacidades de realização histórica do capital; a questão de classe social; os relacionamentos complexos entre o poder — termo esse que é mais fácil integrar aos discursos sobre cultura do que “exploração” — , e a exploração; (HALL, 2003b, p. 203)

Ao adotar esses conceitos marxistas em seu aporte teórico, os Estudos Culturais se diferenciam da Escola de Chicago no seu entendimento de sujeito especialmente pela relação destes sujeitos com as estruturas. Para a Escola de Chicago, os sujeitos formam a estrutura a partir de suas interações cotidianas, ou seja, a estrutura fica subordinada ao sujeito. Para os Estudos Culturais, o sujeito tem uma ação em certo sentido limitada dentro da estrutura. Assim Hall (2003a) explica sobre a “capacidade subjetiva” ao tratar da codificação/decodificação:

Nossa discordância aqui é em relação à noção de “capacidade subjetiva”, como se o referente de um discurso televisivo fosse um fato objetivo, mas o nível interpretativo fosse um assunto individual e particular. Hall, p.398

Assim o autor nos aponta um elemento que entendemos como indispensável para compreendermos as distinções entre Escola de Chicago e Estudos Culturais: a relação dos sujeitos com a capacidade subjetiva. Ele defende que é um equívoco entender que existe uma comunicação neutra, ou mera reprodução da realidade, e que toda interpretação ficaria a cargo das e dos sujeitos. Isto difere da compreensão da Escola de Chicago, que trata o indivíduo como único capaz e responsável pela sua compreensão e resposta ao mundo à sua volta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Façamos uma retomada de nossas considerações. A Escola de Chicago, em linhas gerais, é uma escola que contribuiu para o campo da comunicação a partir do seu destaque para a importância dos símbolos nas interações humanas. Fruto de um contexto urbano, de grande multiplicidade de indivíduos, se centrava em entender como a estrutura social se constitui através da interação entre estes. Porém, essa escola depositava muita autonomia aos seus indivíduos, desconsiderando o poder que os meios podem ter na formação da estrutura simbólica.

Por outro lado, podemos dizer que os Estudos Culturais contribuíram para o campo da comunicação rompendo criticamente com a noção de linearidade do processo

comunicacional. E também com a compreensão de que, ainda que os sujeitos não tivessem uma resposta mecânica aos meios, sua resposta estava subordinada a estruturas linguísticas, que são sempre dotadas de ideologia.

Poderíamos apontar como ponto em comum entre as duas teorias o uso de metodologias de inspiração etnográficas e sua recusa por entender o processo comunicacional como uma relação simplista de estímulo-resposta. No entanto, ainda assim, as escolas diferem mesmo nesses aspectos a partir de suas diferentes fundamentações teóricas. E podemos notar como a distinta fundamentação teórica das duas escolas reverbera nos seus principais pontos.

Comumente é apontado semelhanças entre a Escola de Chicago e os Estudos Culturais por entendermos que ambas reconhecem existir uma relação bilateral entre sujeitos e estrutura. Porém, para a Escola de Chicago, essa relação é formada de forma horizontal: diferentes elementos em interação formam uma estrutura que está baseada em um conceito de livre escolha dos indivíduos. Enquanto para os Estudos Culturais, essa relação se dá de um forma muito mais limitada a partir de estruturas prévias aos sujeitos, mesmo que os estudos culturais reconheçam a noção de possibilidade de ação dos sujeitos, ela está limitada pela linguagem.

Compreendemos assim que, ainda que possamos fazer paralelos entre as escolas, é impossível traçar relações de equivalência entre seus conceitos e metodologias. As diferenças entre seus entendimentos básicos de sujeito/indivíduo, de formação da estrutura, e de capacidade de ação dos indivíduos dentro destas, tornam suas compreensões incompatíveis.

Referências

- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FRANÇA, V. V., SIMÕES, P. G. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HALL, S. Codificação/decodificação. In: HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a. p. 387-404.
- HALL, S. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003b. p. 199-218.
- RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SIMÕES, P. G. Algumas contribuições de Robert E. Park para o campo da comunicação. In: MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. (orgs.) **Teorias da comunicação**: processos, desafios e limites. São Paulo: Plêiade, 2015, p. 47-61. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/livro1-online.pdf>>.